

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
RENATO FROSSARD CARDOSO

**ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ERA DIGITAL:
REFLEXÕES SOBRE OS NOVOS DESAFIOS E POSSIBILIDADES
PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Juiz de Fora como
requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Juiz de Fora – MG

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente:

ao meu orientador professor Fabrício Carvalho e, principalmente, à minha Co-orientadora Bruna Tostes pela inestimável ajuda na elaboração deste trabalho de conclusão.

a todos os professores e tutores do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais por seu trabalho e dedicação em prol do acontecimento deste curso. Sei que o trabalho foi árduo, mas, graças a Deus, chegamos a bons termos.

aos queridos colegas de turma pela oportunidade de interação e aprendizado mútuo.

à Universidade Federal de Juiz de Fora por oferecer a grande oportunidade de adquirir esta formação, tão importante para mim.

CARDOSO. Renato Frossard. Ensino De Artes Visuais Na Era Digital: Reflexões Sobre Os Novos Desafios E Possibilidades Para O Ensino De Artes Visuais Na Educação Básica. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, 2019. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre os novos desafios e possibilidades para o ensino de Artes Visuais na educação básica, considerando o fato de que, hoje, na chamada “Era Digital”, vive-se uma realidade em que a transmissão da informação e a comunicação ocorrem de forma rápida e massiva, o que tem afetado profundamente a sociedade, seus processos produtivos, a difusão do conhecimento e, sobretudo, a forma como se ensina e como se aprende. Neste contexto, é importante pensar a respeito de como o arte-educador – nesse caso específico, o professor de Artes Visuais – deve se posicionar diante deste novo mundo, de forma a conseguir acompanhar as mudanças e ser bem sucedido na difícil arte de educar. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a revisão bibliográfica, que teve o objetivo de conhecer um pouco do que alguns autores têm falado sobre o tema. A este trabalho de revisão somam-se as reflexões do autor deste trabalho, reflexões estas que estão fundadas em suas experiências pessoais com a educação e na formação adquirida durante o **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais** da Universidade Federal de Juiz de Fora. Espera-se que este artigo possa contribuir para ampliar o entendimento a respeito dos novos desafios do arte-educador em Artes Visuais no mundo tecnológico e sobre como deve ser sua formação para que ele possa desempenhar, com sucesso, suas atribuições no mundo contemporâneo.

Palavras Chave: Ensino de Artes Visuais na Educação Básica, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), Artes Visuais e Tecnologias Digitais, Formação do Arte-educador em Artes Visuais

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar reflexões sobre os novos desafios e possibilidades que se apresentam ao arte-educador em Artes Visuais diante das grandes mudanças ocorridas durante a chamada “Era Digital”, uma época em que a transmissão da informação e a comunicação ocorrem de forma quase instantânea e com um volume imenso de dados, o que tem afetado profundamente a sociedade, incluindo seus processos produtivos, o mundo do trabalho, as relações humanas, o mundo das artes e a difusão do conhecimento de uma forma geral. Além disso, essa dinâmica de coisas tem alterado significativamente a forma como se ensina e como se aprende. Diante disto, o presente artigo busca (re)pensar e questionar a formação do professor de Artes Visuais no atual contexto em que vivemos. Busca-se também pensar nos desafios e possibilidades que este profissional tem encontrado dentro desta nova realidade, criada pelo desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), nas últimas décadas.

Dentre as principais mudanças produzidas pelo desenvolvimento das (TIC) está a alteração na forma como os educandos têm acesso e interagem com o conhecimento. De fato, após o surgimento e o desenvolvimento de tecnologias como a Internet, por exemplo, o acesso à informação passou a ser muito mais rápido e democrático, podendo ocorrer a qualquer momento e, praticamente, a partir de qualquer ponto geográfico do globo. Através da utilização de diversos dispositivos como computadores, notebooks, tablets e smart-fones, o estudante pode acessar conteúdo, interagir com colegas e professores, pesquisar, realizar atividades escolares e ampliar o seu conhecimento até o limite que sua criatividade e vontade permitirem. Pelo menos esta é a realidade da maioria dos estudantes que possuem acesso a este tipo de tecnologia. De acordo com TEIXEIRA e BRANDÃO:

a Internet possibilita a cada usuário, entre outras funções, selecionar, receber, tratar e enviar qualquer tipo de informação através de ambientes propícios e extremamente favoráveis à circulação dessas em uma dimensão inédita, constituindo o que CASTELLS (1999, p. 369) chama de “espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores”. Este potencial da Internet é um dos principais fatores que têm alterado significativamente as relações entre educadores e educandos (TEIXEIRA e BRANDÃO, 2003, p.4).

Além da grande independência e autonomia que as (TIC) têm proporcionado aos estudantes, o uso dessas tecnologias permite “modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender tanto nos cursos presenciais como nos cursos a distância” (MORAN, 2000, p. 44). Os caminhos para que isto se concretize “dependerão da situação concreta em que o professor se encontrar: número de alunos, tecnologias disponíveis, duração das aulas, quantidade total de aulas que o professor dá por semana, apoio institucional. Alguns parecem ser, atualmente, mais viáveis e produtivos” (MORAN, 2000, p. 44).

Segundo COUTINHO e LISBÔA (2011) a Internet e as demais tecnologias digitais fizeram emergir um novo paradigma social, o qual alguns autores descrevem como sociedade da informação, sociedade do conhecimento ou sociedade da aprendizagem. Para estas autoras, estamos vivendo em um novo mundo, onde o fluxo de informações é intenso e encontra-se em permanente mudança, e no qual o conhecimento é um recurso flexível, fluido, e encontra-se em constante expansão. Elas afirmam também que, neste novo mundo, as fronteiras de tempo e de espaço encontram-se flexibilizadas, o que permite uma maior comunicação entre as pessoas. Finalmente, elas chamam atenção para o fato de que, nesta nova era, as possibilidades de aprender e de ensinar são múltiplas, e o espaço físico da escola já não é o local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida ativa.

Diante de mudanças como as apresentadas acima, é de se esperar que o processo de formação do educador, a quem compete o papel de mediar a construção do conhecimento pelo estudante e orientá-lo no sentido de encontrar os melhores caminhos para sua formação, também passe por alterações. Em outras palavras, subentende-se que, assim como o processo educativo e a relação professor-aluno passaram, e continuam a passar, por transformações no mundo contemporâneo, também a formação do educador deve acompanhar esta tendência. As mudanças na formação deste profissional devem se materializar através da adoção de novas posturas, da realização de novas pesquisas, da mudança de pensamento, da criação de novas metodologias e do estabelecimento de uma maior conexão com a nova realidade do educando.

De acordo com PAULO (2010), para que estas importantes mudanças na formação do professor se estabeleçam, é necessário haver, primeiramente, uma reconstrução de sua identidade e, portanto, o desenvolvimento de um novo olhar deste profissional para si mesmo, que lhe permita mudar seu modo de ver seus pares e seus

alunos, e posicionar-se de forma eficiente diante do novo mundo. Um dos caminhos possíveis para se pensar esta reconstrução de identidade, passaria pelo processo de libertação da obrigação de se ter o controle absoluto sobre o processo de ensino e aprendizagem, abrindo espaço para uma relação de colaboração entre professor e aluno. Desta forma, a autoridade do professor não mais se estabelecerá pela detenção absoluta do conhecimento, mas por este perceber-se capaz de apontar caminhos para que o aluno alcance o saber através da investigação. Como consequência disto, a metodologia de ensino se flexibilizaria e a avaliação ganharia um sentido diferente do tradicional, o que exigiria uma reorganização do modo de agir em sala de aula e de ver o processo de construção do conhecimento, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos (PAULO, 2010, p.2).

De fato, uma mudança na identidade dos educadores tem se mostrado necessária em todas as áreas do conhecimento, pois estes têm sido constantemente confrontados com a necessidade de reinventar seus métodos, suas concepções e suas formas de concretizar o ensino na prática. Pode-se dizer, sem exageros, que nunca se fez tão notória a necessidade de um rompimento com certas práticas tradicionais e cristalizadas de se ver e de se estabelecer o processo educativo como nos dias de hoje. No campo das Artes Visuais, a situação não é diferente, pois, também nesta área, temos percebido a necessidade de transformar práticas e metodologias no sentido de se contribuir para o desenvolvimento das capacidades artísticas e para formação integral do aluno e promover o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. Esta forma de pensar está em acordo com o que é preconizado pelos **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**, que além de atribuírem à arte uma função tão importante quanto à dos demais conhecimentos escolares, reconhecem sua importância como fator impulsionador do desenvolvimento integral do aluno (PCN, Arte, 1998).

Diante da realidade em que vivemos e daquilo que se espera para o ensino de artes na educação básica, é preciso ter em mente, antes de mais nada, qual é o aluno que se pretende formar, e quais competências e saberes o educador deve dominar para que seja capaz de realizar com eficiência o seu trabalho. Assim, ao mesmo tempo em que, no momento atual, espera-se que o aluno tenha maior comprometimento com seu próprio processo de aprendizagem, preocupando-se mais com a construção de seu próprio saber, também se exige cada vez mais do educador, que precisa se reinventar

para dar conta da nova realidade. Diante disto, formula-se a questão fundamental deste artigo: como deve ser, no atual contexto histórico, a formação do arte-educador em Artes Visuais? Além desta questão, também se discute os desafios enfrentados por este professor e as novas possibilidades pedagógicas para a atuação deste profissional. Essa questão será retomada no capítulo 5.

2. O Ensino das Artes Visuais no Brasil

Um olhar para as origens de nosso país revela que o ensino de Artes Visuais, por aqui, começa já com a chegada dos Jesuítas ao Brasil colônia. Em razão da doutrinação religiosa, estes passam a ensinar também as artes aos indígenas e às pessoas vindas da metrópole, como forma de educá-los. CASTRO e SILVEIRA (2016, p. 22) comentam que, na época em que os Jesuítas chegaram ao país, “a Companhia de Jesus, utilizando-se de estratégias e práticas educativas, engendrou um eficaz projeto catequético que tinha importantes conexões com o conceito de civilidade que se desenvolvia nesse momento”. Dentro deste esforço educativo estavam as artes visuais, a música e a língua portuguesa, além, é claro, da religião. Este fato também é narrado por Lucia Golvêa Pimentel, no vídeo *História do Ensino da Arte No Brasil* (2011), produzido pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, e disponível no [Youtube](#).

Mais tarde, com a criação da Academia Imperial de Belas Artes, o ensino de Arte no Brasil tem seu início oficial, tendo como principais prospectos, membros da aristocracia que ansiavam a altas posições na sociedade. Durante o período de existência desta academia, muita coisa foi feita, mas quase nada visava o alcance da classe popular, o que contribuiu para fomentar um preconceito contra o ensino das artes, que passou a ser visto como algo pouco importante, um luxo (BARBOSA, 2011). De fato, a este respeito, o documento da **Rede São Paulo de Formação Docente** (2011, p.7), diz que a Academia Imperial de Belas Artes “inaugurou a ambiguidade em torno da qual, até hoje, se debate a educação brasileira, isto é, o dilema entre a educação da elite e a educação popular. Na área específica de educação artística a academia incorporou o dilema, já instaurado anteriormente na Europa, entre arte como criação e arte como técnica.”

Foi somente por volta de 1880, através do projeto de modernização da educação educacional de Rui Barbosa, que ocorreu a primeira tentativa oficial de se propagar o ensino de artes, com foco no ensino de desenho em suas diversas modalidades, na educação escolar brasileira (BARBOSA, 2011). Em 1948, é criada por Augusto Rodrigues, a Escolinha de Arte do Brasil cuja visão de ensino se baseava na valorização da arte infantil e na concepção de arte baseada na expressão e na liberdade criadora

(CAMPELLO, 2001). De acordo com CAMPELLO (2001), as escolinhas seguiam a tendência expressionista do pós-guerra, permitindo às crianças pintar e desenhar livremente, sem interferências de adultos e incentivando a integração entre as atividades escolares, em torno do currículo, como forma de dinamizá-lo, admitindo desta forma a interdisciplinaridade, mas evitando a polivalência.

Na atualidade, o ensino de Arte nas escolas brasileiras de educação básica é obrigatório em todos os níveis e tem o objetivo de oferecer ao estudante formação em quatro campos independentes: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Na maioria das escolas públicas há, ainda, grande dificuldade para se contratar e manter no quadro de profissionais um professor para cada campo artístico específico e, por esta razão, muitas vezes, opta-se por focar no ensino de apenas um deles. Geralmente, as Artes Visuais são privilegiadas nesse sentido pois estão presentes na maior parte das escolas públicas brasileiras.

Vimos, ainda que de forma resumida, que o ensino das Artes Visuais em nosso país percorreu um longo caminho para chegar à situação em que se encontra atualmente. Apesar de sabermos que a realidade do ensino de Arte no Brasil, sobretudo na rede pública de ensino, está longe de ser o ideal, podemos considerar que muitos avanços já foram concretizados na luta por uma formação básica de qualidade na área, mas ainda há muito por ser feito. Um dos pontos a serem melhorados é exatamente a questão da formação do profissional de educação em Artes Visuais visando a que este esteja preparado para as novas demandas do mundo atual, o que será discutido mais tarde, neste artigo.

3. A Importância do Ensino e Aprendizagem em Artes

Nos dias atuais, em meio às incertezas que a situação política e social do país nos traz, é preciso, mais do que nunca, desenvolvermos a consciência de que o acesso ao ensino de Artes é, não só, um direito de todas as pessoas, como também um importante meio através do qual o educando pode desenvolver sua capacidade criativa, expressar suas ideias e sentimentos e posicionar-se diante do mundo. A importância do ensino da arte é revelada nas palavras da arte-educadora Ana Mae Barbosa que afirma que "arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se

desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano” (BARBOSA, 1999, p. 4).

A importância do ensino da arte também é reconhecida pelos documentos oficiais da educação básica brasileira. De acordo com os parâmetros curriculares do ensino fundamental (**PCN**), a arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. Segundo este modo de pensar, o ensino de arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte. Ao produzir trabalhos artísticos e conhecer a produção de outras pessoas e de outras culturas, o aluno poderá compreender a diversidade de valores que orientam tanto o seu próprio modo de pensar e agir quanto o da sociedade. Ao conhecer e fazer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com a própria arte, consigo mesmo e com o mundo (**PCN, Arte, 1998**). Entendendo o ensino de Arte como agente transformador e formador do cidadão, podemos destacar, para este ensino, objetivos dentre os quais estão contempladas:

a consciência da memória do patrimônio cultural, novas e possíveis leituras do mundo por meio de sons, imagens e movimentos e o entendimento da sociedade por meio de atividades práticas de pesquisa, além da criação e fruição em arte. Estabelece-se a contextualização desses objetivos, conteúdos e estratégias, respeitando as ações individuais e coletivas em diferentes comunidades, resguardando sempre seus valores culturais e patrimoniais. Nesse sentido, é necessário que o ensino de arte esteja presente durante toda a vida escolar do aluno, em todas as séries (PIMENTEL et al., 2009, p.13).

De acordo com SOUZA (2010, p.3), o ensino de Artes deve permitir ao estudante relacionar sentimentos, trabalhar aspectos psicomotores e cognitivos, planejar e implementar projetos criativos e se engajar emocionalmente neles, num permanente processo reflexivo. Por sua própria característica, a arte compele os alunos a entrar em contato consigo mesmos através do exercício das diversas expressões artísticas, ajudando-os a expressar e formar a sua própria imagem de mundo, compreender a realidade, revelar o potencial criativo e ampliar a capacidade de julgar e agir.

Tendo em vista os pontos relatados acima, o ensino de artes deve ser considerado tão vital quanto o dos demais conteúdos da educação básica e, por isso, deve merecer igual espaço no currículo e a mesma atenção prestada pelas instituições escolares aos demais campos do conhecimento. Pode-se dizer também que o ensino e a prática das artes têm dupla razão de ser pois se justificam pelo valor da própria arte em si mesma – arte como forma de expressão das mais diversas emoções humanas, arte pela a produção e fruição do belo e do abstrato – e também como disciplina contribui para desenvolver no estudante a capacidade de pensar, raciocinar, criar, desenvolver e de se expressar.

Por se tratar de algo tão relevante é que a arte deve merecer lugar de destaque dentro dos planejamentos escolares e não deve ser relegada a uma função meramente decorativa ou recreativa do espaço escolar, mas deve ser vista como mais um dos importantes campos do conhecimento a ser conhecido e explorado pelo estudante. A importância do ensino da arte na educação básica fundamenta-se no seu potencial de permitir ao aluno desenvolver suas aptidões artísticas e praticá-las, além de favorecer o aprendizado das outras disciplinas do currículo básico do estudante, ao desenvolver sua habilidade de exercer o pensamento crítico, de raciocinar, de inferir e de tomar decisões diante do mundo e da sociedade em que está inserido.

Nos dias atuais, como já mencionamos, o desenvolvimento das TIC tem impactado várias áreas do conhecimento e setores da sociedade. Tecnologias antigas desaparecem na mesma velocidade que novas surgem e são incorporadas. As artes não permanecem imunes a estas mudanças, sofrendo também sua influência. O que se discutirá a seguir é a questão das Artes Visuais no contexto da Era Digital para, a partir daí, podermos pensar a respeito dos desafios e possibilidades para o seu ensino na atualidade.

4. Relação Entre as Tecnologias Digitais e as Artes Visuais

Até aqui, vimos que a Arte possui um importante papel na formação integral do estudante e que seu ensino se justifica, a princípio, por sua própria relevância enquanto campo dos saberes humanos, isto é, da capacidade humana de se expressar por meio da

arte, de produzir e apreciar arte e de vivenciar a arte em seus mais diferentes aspectos e texturas. Na atualidade, apesar do desenvolvimento das tecnologias e do surgimento de diversas formas novas de se conectar e de se interagir com o mundo, a arte não perdeu seu valor estético, nem tampouco sua função educadora. Pelo contrário, neste novo contexto, a arte vem ganhando cada vez mais espaço e alcançando lugares até então inatingíveis por ela. O que faremos a seguir será conhecer um pouco do contexto e do impacto que as tecnologias digitais têm causado na divulgação, na produção e na fruição da arte, sobretudo no campo das Artes Visuais.

De acordo com ARANTES (2005, p.54), “com a expressão das práticas artísticas em mídias digitais, principalmente após os anos 1990, tem havido um interesse crescente por parte dos teóricos no desenvolvimento de novos conceitos estéticos que possam expressar as especificidades da cultura digital”. Segundo a autora, isto nos permite perceber que tem existido uma preocupação, por parte destes teóricos, com o desenvolvimento de novos conceitos estéticos que possam dar conta das especificidades das práticas artísticas na era digital. Entre os teóricos citados pela autora estão:

- **Roy Ascott:** assinala que a estética definidora das novas mídias seria a technoética, “a fusão do que conhecemos e ainda podemos descobrir sobre a consciência (noética), com o que podemos fazer e acabaremos por alcançar com a tecnologia”.
- **Philippe Quéau:** desenvolve sua estética intermediária, estabelecendo paralelos entre a arte em mídia digital e os processos vivos e naturais.
- **Claudia Giannetti:** parte de uma abordagem fenomenológica para desenvolver o conceito de endoestética.

ARANTES nos mostra que a tentativa de se utilizar as tecnologias digitais para a produção de trabalhos artísticos não é tão recente quanto se pode imaginar, tendo tido seu início na década de 1960. A autora afirma que os primeiros trabalhos artísticos em computador eram desenvolvidos através de algoritmos. Segundo ela, estes trabalhos se baseavam essencialmente em formas geométricas e tendiam para a arte abstrata e minimalista. A autora cita o artista Michael Noll como um dos primeiros a produzir este tipo de arte. Outro exemplo citado por ARANTES como pioneiro deste tipo de trabalho é o artista Waldemar Cordeiro. Em um trabalho de 1971, citado pela autora, Cordeiro utilizou uma fotografia de uma criança atingida pela guerra e a transformou em milhares de pontos a partir da proposta chamada de *função derivada*. Segundo ARANTES, além

do valor estético, os trabalhos deste artista também promoviam uma forte reflexão social e política, o que fez com que sua obra se destacasse da computer-art do cenário internacional que, na época, era predominantemente abstrata. Segundo a autora, Waldemar Cordeiro afirma que “a utilização de meios eletrônicos pode proporcionar uma solução para os problemas comunicativos da arte mediante a utilização das telecomunicações e dos recursos eletrônicos que requerem, para a otimização informativa, determinados processamentos da imagem” (ARANTES, 2005, p 55-56).

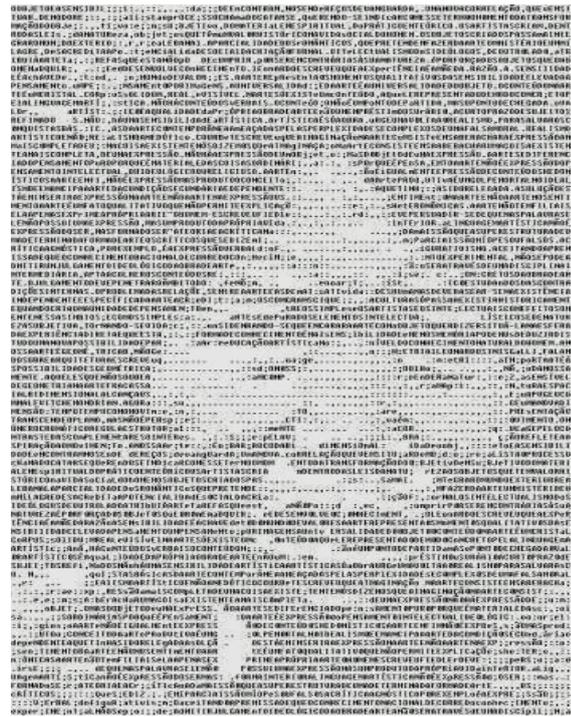


Figura 2: A Mulher que não é BB: Waldemar Cordeiro

ARANTES (2005, p.57) cita outros nomes como Artur Matuck, José Wagner Garcia, Mario Ramiro, Carlos Fadon Vicente, dentre outros, que no início dos anos 1980 fizeram suas primeiras investidas no campo da “arte e telecomunicações” utilizando telefone, fax, televisão de varredura lenta, rádio, videotexto, rede de computadores pessoais e satélites, procurando criar projetos de ordem global e privilegiando a arte como processo comunicativo. Mais recentemente, como demonstra a autora, as obras de arte que exploram os meios digitais têm caminhado no sentido de explorar as possibilidades de interação entre a obra e o público que, muitas vezes, é convidado a participar da criação do objeto artístico como no caso de La Plume et Le Pissenlit, na qual o observador é convidado a soprar uma pétala de flor virtual que, então, se move. Já em Interactive Plants Growing, o observador é convidado a tocar em plantas reais, o

que desencadeia o processo de produção de plantas virtuais em uma tela projetada (ARANTES, 2005, p.58).

Em relação aos avanços tecnológicos mais recentes como a Internet e os computadores modernos, ARANTES (2005, p.60) afirma que criar para este novo ambiente significa pensar não somente em seu aspecto fluido e rizomático, mas também repensar a própria natureza da fruição artística e dos formatos tradicionais do público e do leitor em relação à obra de arte. Ela também afirma que todas essas “novas poéticas da arte digital” revelam uma forma de estetização da interface, “seja problematizando questões que dizem respeito ao contexto e à estrutura específicos da internet, ou propondo interfaces que permitem ao público ter acesso a uma experiência mais sensorial” e não meramente visual da arte.

Aprofundando ainda mais esta compreensão a respeito do uso das tecnologias digitais para a produção e fruição da arte, a pesquisadora Alice Fátima Martins afirma que:

No âmbito das artes, em particular das artes visuais, os recursos da informática, bem como a natureza múltipla de relações, interação e dinamicidade da rede mundial de computadores, têm apresentado possibilidades e desafios instigantes a toda uma geração de artistas cujas propostas estéticas e conceituais têm buscado aprofundar os diálogos com as novas tecnologias”. (...) museus e outras instituições culturais vêm, gradativamente, organizando seus portais e páginas eletrônicas, em que disponibilizam informações institucionais, reproduções digitalizadas de seus acervos, dados sobre artistas e suas obras, textos críticos, históricos, dentre outros. Finalmente, não podem ser excluídas as realizações do cinema, em verdadeiros parques industriais de mercadoria cultural destinada aos públicos de todo o planeta, cujas estéticas reverberam e antecipam as possibilidades de utilização das tecnologias de ponta na produção de imagens, e do audiovisual (MARTINS, 2007, p. 627-628).

No artigo cujo trecho é citado acima, a autora chama a atenção para a utilização das tecnologias digitais para a produção de imagens, primeiramente com o uso das câmeras fotográficas e depois com o uso de câmeras digitais e computadores (MARTINS, 2007, p. 629). De fato, além de possibilitar o acesso a imagens e textos com maior agilidade, os meios digitais possibilitam um novo formato de arte: aquele que se faz com o próprio meio digital. Há artistas, por exemplo, que utilizam programas

de computador para produzir formas que depois são transformadas em verdadeiros quadros artísticos. Além disso, é possível ter acesso a um infinito banco de fotografias que podem vir a compor as mais variadas texturas artísticas, formar foto colagens, painéis, cartografias, dentre outras formas de arte visual. Os meios digitais também possibilitaram maior rapidez e facilidade na divulgação das obras de arte que passaram a circular com maior agilidade. Um exemplo deste tipo de arte é o artista visual Tullius Heuer (29), brasileiro de Maceió. Heuer, que atua de forma independente, explora as funcionalidades e capacidades das tecnologias digitais para a produção de seus trabalhos.

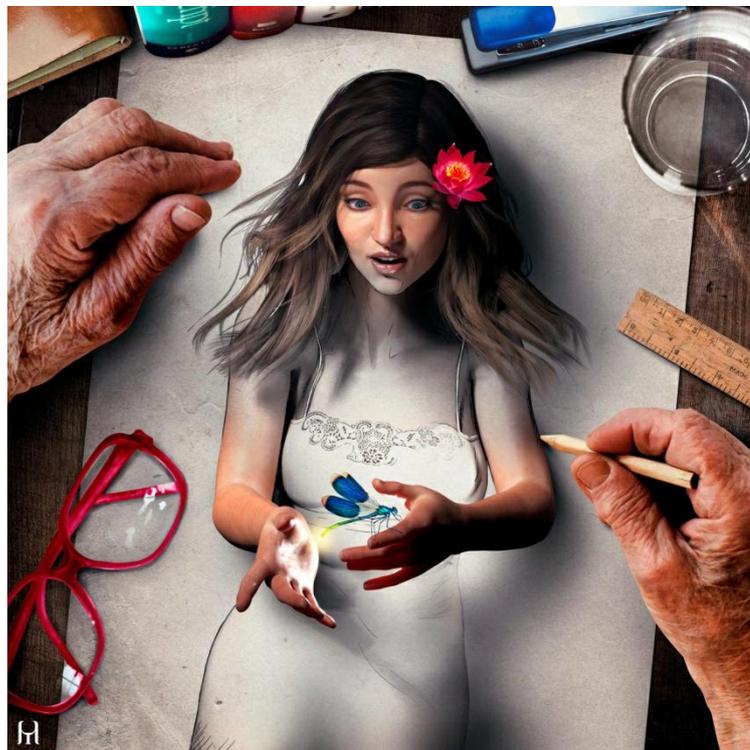


Figura 1 – Experiences. Tullius Heuer.

Conforme pudemos ver, é um fato que as tecnologias se tornaram uma parte integrante de nossas vidas e vieram para ficar, até mesmo no campo da arte. Por isso, embora este trabalho não pretenda propor que as formas tradicionais de se produzir e de se ensinar arte sejam totalmente abandonadas, sugere que as tecnologias digitais sejam integradas às práticas artísticas e educativas, de forma a proporcionar aos estudantes uma melhor experiência de aprendizagem e prática no campo das Artes Visuais.

5. O Ensino das Artes Visuais Na Era das Tecnologias Digitais

Dentre as mais variadas expressões artísticas as Artes Visuais se destacam pelo caráter imediato de sua fruição e pela abundância de suas formas e modos de expressão. De fato, as Artes Visuais, que podem ser manifestadas através do desenho, da pintura, da escultura, da arquitetura, do artesanato, da fotografia e de muitas outras formas e técnicas artísticas, constituem um dos campos mais familiares e ricos e que vem sendo parte integrante dos currículos escolares há muitos e muitos anos. O ensino de Artes Visuais desfruta de credibilidade e tradição, sendo muitas vezes preconizado na maioria das escolas de educação básica, sobretudo na rede pública de ensino.

Conforme foi dito anteriormente, na era digital, a forma de se ensinar e de se aprender tem passado por grandes transformações devido ao desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Essas tecnologias, sobretudo o computador e a Internet, permitiram que as informações fluíssem de um lugar para o outro numa velocidade inacreditável e de forma massiva. De fato, hoje é possível que tenhamos acesso instantâneo a um conhecimento que foi produzido do outro lado do planeta. Para THOMPSON (1998 apud GERALDI E BIZELLI, 2016), “as TIC são potencializadoras da mídia que está associada à visão de mundo dos indivíduos contemporâneos, redefinindo valores e comportamentos sociais, consolidando o domínio da comunicação e do entretenimento no jogo institucional de cada sociedade concreta”. Graças a este desenvolvimento, muitos educadores de diversas áreas têm mudado sua forma de ensinar e educar, introduzindo as TIC em seu processo pedagógico. De fato, disciplinas como a matemática, a língua portuguesa, ciências, geografia e outras áreas passaram a contar com o apoio destas tecnologias para enriquecer a forma como os estudantes se apropriam do conhecimento e produzem seu próprio saber. Partindo destes acontecimentos, é de se esperar que os arte-educadores em Artes Visuais sigam o mesmo fluxo de ações e se apropriem das TIC como forma de enriquecer as suas práticas pedagógicas. Mas como pode o professor de arte se apropriar das TIC e utilizá-las em benefício próprio e de seus estudantes?

Primeiramente é preciso que o professor de Artes Visuais esteja consciente de que o mundo atual não é mais o mesmo de 50 anos atrás. De fato, a velocidade com que as coisas mudam no mundo contemporâneo é avassaladora. Tecnologias surgem e

desaparecem com igual rapidez. Outras, como a Internet, parecem ter vindo para ficar e revolucionar de vez os processos de ensino e aprendizagem. Uma vez reconhecido este fato, é necessário que o professor planeje de que forma usará esta nova realidade ao seu favor, para tornar seu ensino mais eficiente e atraente para os seus alunos. Com efeito, esta utilização não deve se restringir ao uso pontual ou instrumental das tecnologias, mas em um uso efetivo, que realmente possa transformar as relações de ensino e aprendizagem. Vejamos o que diz BERTOLETTI (2012, p.31) a respeito do uso das TIC no ensino das artes:

As tecnologias digitais e suas relações com o ensino de arte vão além da utilização de softwares educacionais, pois a Internet e seus recursos hipermídia ampliam as possibilidades de contato e mediação na construção de conhecimentos em arte. Além da possibilidade de contato com a produção artística em diferentes momentos históricos, modifica-se o caráter de mero observador e possibilita-se um acesso participativo e interativo. Essas características dialogam com as proposições contemporâneas do ensino, pois inserem nesse processo pesquisas sincrônicas, instantâneas e virtuais bem como a construção de saberes compartilhados na rede. A apreensão das tecnologias digitais nas relações com os eixos norteadores dos processos de ensino e aprendizagem da arte é fundamental para a apropriação de novos paradigmas educacionais que culminam em formas complexas de pensamento, ação e criação.

O uso das tecnologias digitais no ensino das Artes Visuais pode ampliar significativamente as possibilidades educativas, tanto para o professor quanto para o aluno. Através do uso das TIC não só se torna mais fácil ao educador permitir o acesso de seu estudante ao conhecimento em forma de imagens, vídeos, textos e fotos, como também possibilita a ele criar novas formas de atividades que envolvam a utilização do computador e da Internet como meio de produzir a arte e de divulgá-la. Por exemplo, uma atividade que antes requeria que fossem impressas imagens em papel para que os alunos pudessem visualizá-las, já pode ser feita através da projeção destas imagens em uma tela, para que os estudantes vejam, apreciem, se apropriem daquela textura e, então, produzam suas próprias imagens em papel, utilizando materiais tradicionais como tinta, lápis, giz de cera, dentro outros.

5.1 A Formação do Arte-Educador em Artes Visuais No Mundo Tecnológico: desafios e possibilidades.

As reflexões que foram feitas até o momento levam a pensar num ponto de importância vital: a formação do arte-educador em Artes Visuais no mundo dominado pelas TIC. Como deve ser a formação deste profissional para que ele possa se posicionar adequadamente diante das demandas do mundo atual, com suas tecnologias e especificidades? Acreditamos que esta formação não pode ser a mesma que este profissional recebia a algumas décadas, focada apenas no ensino presencial e no plano físico, palpável. Pensamos que esta formação deve ir além dos muros da universidade e que ela deve preparar o futuro professor para enfrentar a nova realidade e utilizar, a seu favor, todos os recursos tecnológicos que ele tiver disponíveis. De acordo com ROSSI e ZAMPERETTI:

Mudar as práticas pedagógicas com o intuito de aumentar a qualidade do ensino e diminuir a distância do que se pratica em relação às novas tecnologias dentro e fora da sala de aula, é a busca de muitos professores contemporâneos. Estas estratégias de adequação aos novos tempos estão gerando muitas inquietações nos profissionais da educação, como uma preocupação em qualificar-se, dominando métodos e saberes, adequando-se às novas demandas sociais (ROSSI E ZAMPERETTI, 2014, p.3).

De fato, o mundo atual nos faz pensar que a formação do professor, sobretudo o professor de artes, deve acompanhar a evolução que presenciamos nas últimas décadas. Um exemplo é que, hoje, a maioria dos cursos presenciais possui também uma parte a distância ou utiliza alguma forma de conectar o estudante à Internet de forma a permitir que ele pesquise na rede mundial de computadores e amplie seus conhecimentos de forma autônoma. Muitas universidades, como a **Universidade Federal de Juiz de Fora**, oferecem a seus estudantes bibliotecas virtuais nas quais eles podem obter acesso a milhares de livros e periódicos que servem para complementar o seu trabalho de pesquisa e de formação. Além disso, muitas universidades e faculdades já oferecem a possibilidade de que os estudantes realizem cursos semipresenciais ou totalmente à distância.

De acordo com MORAN (2001, p. 29), hoje em dia, ensinar e aprender exigem muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação, em espaços menos rígidos, menos engessados. Sendo assim, é possível pensar que a formação do arte-educador em Artes Visuais deve contemplar o uso das TIC, de forma a habilitá-lo para o uso destas

ferramentas para otimizar e enriquecer a sua prática pedagógica. De fato, há uma riqueza muito grande a ser explorada nos meios tecnológicos e que, muitas vezes, fica sem um direcionamento adequado simplesmente porque, durante sua formação, o educador não recebeu treinamento adequado para a utilização destes recursos.

Outro motivo para que a formação do arte-educador em Artes Visuais contemple o uso das TIC é o fato de que, mesmo se o professor não as utilizar em suas aulas, os estudantes as usarão para fins diversos como, por exemplo, para jogar, bater papo, navegar nas redes sociais, gravar e assistir vídeos, dentre outras coisas. Em outras palavras, as tecnologias já estão presentes na vida dos estudantes de uma forma ou de outra. Desta forma, seria ilógico que o professor não direcionasse o uso destas tecnologias para fins que possam ir além do mero entretenimento ou divertimento, mas que também contemplem o âmbito educativo e formador.

SANGOI (2006, p. 38) indica que é necessário atualizar a escola e os professores de artes visuais de forma que estes estejam conectados com o mundo que circunda o aluno atual, bem como prepará-los para que eles mesmos possam fazer parte deste novo mundo. Recorrendo às palavras de PIMENTEL (2002, p. 118), a autora destaca que o ato de se imaginar as possibilidades artísticas via tecnologias contemporâneas é “estar presente no próprio tempo em que vivemos”. Dada a significação e importância que estes meios têm na atualidade, a autora chama a atenção para a necessidade de se garantir o acesso aos recursos tecnológicos por professores e alunos no contexto de sua formação em Arte.

PIMENTEL (2002, p. 115 apud SANGOI, 2006, p. 39) afirma que “é preciso que os professores sejam preparados adequadamente para que, além de saberem explorar os programas colocados à disposição dos alunos, possam realmente propiciar o aprendizado em arte”. Por fim, SANGOI (2006, p.39), com base no que afirma PIMENTEL (2002, p. 115), sugere que é de suma importância que a formação dos professores leve em conta não somente o processo de se fazer arte nos ambientes eletrônicos, mas também a maneira como eles podem levar os alunos a refletirem sobre este contexto.

Diante de tudo que foi exposto até aqui, podemos concluir que a formação do arte-educador em Artes Visuais, hoje, deve ser uma formação muito mais abrangente no sentido de não se restringir às práticas tradicionais de:

- a) se produzir e de se apreciar a arte.
- b) de se ensinar e aprender sobre a arte.
- c) de se ensinar e aprender a produzir arte.

Isto implica, principalmente, em se incluir o uso das tecnologias digitais em todos os níveis deste processo formativo. Em outras palavras, é necessário que os alunos das licenciaturas em Artes Visuais tenham a oportunidade de utilizar as tecnologias durante todo o período do curso de formação. Também é necessário que estes formandos sejam preparados para a utilização efetiva das tecnologias em suas práticas pedagógicas. Também é importante pensar nas tecnologias em relação à formação continuada para os professores já formados, levando em conta que o desenvolvimento tecnológico não para, e que as tecnologias que hoje são novas, podem tornar-se obsoletas amanhã.

5.2 Possibilidades e Dificuldades para o Uso das Tecnologias no Ensino de Artes Visuais.

Chegou o momento de discutirmos a pergunta central deste artigo: “Como pode o professor de arte se apropriar das TIC e utilizá-las em benefício próprio e de seus estudantes?” Ela nos leva a refletir sobre uma série de fatos a respeito destas tecnologias e de como elas podem ser usadas no ensino das artes visuais. Essa pergunta também nos leva a refletir a respeito das dificuldades que podem ser encontradas para o uso efetivo destas tecnologias por parte dos professores de artes visuais em suas práticas pedagógicas.

De acordo com ROSSI E ZAMPERETI (2014, p. 6) a introdução das novas tecnologias no ensino de artes visuais trouxe consigo muitos recursos visuais e auditivos, tornando possível, através do computador com acesso a internet, o acesso dos estudantes à obras de arte de diversas épocas, seja por meio de fotografias, vídeos, visitas a museus virtuais, dentre outros recursos. Desta forma os estudantes podem

vivenciar a experiência com a arte produzida através da fruição estética e do conhecimento de diversas culturas e contextos históricos. As autoras também enfatizam que é possível aos estudantes criarem objetos artísticos através do uso das TIC. De acordo com elas, para as aulas de arte:

cabe explorar programas de desenho digital, pintura digital, modelagem tridimensional, edição de imagens, entre outros. Embora o uso destes programas esteja relacionado à disponibilidade de instalação e manutenção dos softwares, ao conhecimento do professor quanto as suas linguagens e os propósitos das atividades, é importante que os alunos explorem diversas ferramentas para a criação artística no meio digital (ROSSI E ZAMPERETTI, 2014, p. 6).

Um problema apontado por MARTINS (2007, p.633) é que, em geral, os professores que não são especializados em informática dominam muito superficialmente as ferramentas disponibilizadas pelos computadores. Também os professores que ensinam artes visuais e que nem sempre possuem formação específica na área, conhecem muito pouco da arte contemporânea e das possibilidades das imagens digitais, e das artes eletrônicas para que possam, de maneira efetiva, explorar estas possibilidades em sala de aula. A autora também menciona o fato de que as escolas nem sempre possuem a infraestrutura necessária para proporcionar aos estudantes uma experiência proveitosa no uso das tecnologias digitais pois os recursos disponíveis, muitas vezes, são precários ou deficientes. Segundo a autora, este fato tem contribuído para o atordoamento dos profissionais da educação em artes visuais em relação á crescente disponibilidade de informação e de inovações tecnológicas, num ritmo mais rápido do que o que possa ser assimilado. Por sua vez, este fato tem contribuído para que práticas mais tradicionais de ensino-aprendizagem sejam perpetuadas através dos anos.

Por outro lado, estudos mais recentes têm demonstrado que a utilização das tecnologias em salas de aula de Artes Visuais já é uma possibilidade viável. Uma pesquisa realizada por ROSSI E ZAMPERETTI (2014, p. 5), por exemplo, mostra alguns dados quanto ao uso das tecnologias no ensino das Artes Visuais em escolas de Pelotas, São Paulo. Nesta pesquisa, foram entrevistados professores de artes visuais para se conhecer melhor qual a relação deles com as TIC enquanto arte-educadores. A pesquisa mostra que boa parte dos professores entrevistados contam com laboratórios de

informática nas escolas onde atuam e que a maioria deles utiliza as TIC em suas aulas como forma de enriquecer suas práticas pedagógicas, apesar de alguns deles afirmarem que ainda estão num processo de aprendizagem em relação à melhor maneira de utilizar estas tecnologias. Um dos professores relatou que utiliza as TIC em suas aulas permitindo que os estudantes criem slides de artistas, produzam resumos e apreciem obras de arte através da Internet. Os alunos também produzem desenhos com propostas orientadas em um software de desenho e fazem releituras de obras célebres. Outras tecnologias como a TV e o DVD também são utilizadas para que os estudantes possam assistir a filmes e criarem desenhos a partir de cenas paralisadas na tela (ROSSI E ZAMPERETTI, 2014, p. 6).

Infelizmente, ainda há muitos educadores que não enxergam com bons olhos o uso de tecnologias como o computador e a Internet e permanecem presos a formas mais tradicionais de ensinar. Não que as formas tradicionais não tenham seu valor, pelo contrário, elas também devem e podem ser utilizadas. Porém, é necessário fazer mais do que aquilo que já é considerado lugar comum, é necessário transcender as barreiras do familiar para chegarmos a novos níveis de aprendizado e de conhecimento. Este também é um papel da formação do professor, preparar a sua mente para que, quando chegar o momento de sua atuação em sala de aula, ele esteja consciente de que há um mundo de novas tecnologias e de que ele terá que lidar com elas, mais cedo ou mais tarde. A partir do momento em que o profissional das Artes Visuais se conscientizar de que as tecnologias são suas aliadas e não suas inimigas, a tarefa de utilizá-las em sua prática pedagógica se tornará muito mais amigável e tranquila. Portanto, é necessário que as universidades, faculdades e centros de formação de professores de artes se adequem à nova realidade, para que possam preparar adequadamente os futuros profissionais da educação em Artes Visuais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento das tecnologias da informação e da comunicação, as TIC fizeram uma verdadeira revolução na forma como se aprendia e se ensinava. Desta forma, as instituições de ensino e os educadores tiveram que se adaptar, transformando velhas práticas educativas em novas formas de ensinar e aprender. Não só as instituições tiveram que se modernizar, passando a oferecer a possibilidade do uso de tecnologias

avançadas para seus professores e alunos, mas também os professores tiveram que modificar a sua forma de ensinar, passando a considerar o uso destas tecnologias como parte integrante de sua prática pedagógica.

Por outro lado, os estudantes foram bombardeados com uma avassaladora quantidade de informação e de conhecimento nunca antes experimentado por eles. Eles se tornaram mais autônomos em seu aprendizado e passaram a buscar a informação por si mesmos, e não ficar apenas aguardando que o professor transmitisse para eles o conhecimento. Assim eles se tornaram mais conscientes da importância das tecnologias para seu próprio desenvolvimento, passando a ter maior acesso à ciência e à informação de uma maneira geral. Evidentemente, esta não é uma realidade em todos os casos, mas pelo menos é o que se espera do estudante nos dias de hoje, que ele seja menos dependente do professor e que busque o saber, também, de forma autônoma. No entanto, como afirmam ROSSI E ZAMPERETTI, (2014, p.4), a geração de uma maior autonomia na aquisição da informação por parte das TIC não altera a importância da figura do professor que segue sendo “um dos grandes responsáveis por transformar as informações em conhecimentos e por tornar estes significativos para a vida do aluno”. De acordo com KENSKI (2007, p. 19 apud ROSSI E ZAMPERETTI, 2014, p. 4) “é na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, [que são] definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem para os alunos”.

Diante do mundo atual, é necessário que todos os envolvidos no processo educativo estejam unidos em um mesmo propósito: fazer um bom uso das TIC. As instituições precisam estar comprometidas a investir em tecnologias para que seus professores possam utilizar em suas aulas. Os professores precisam estar dispostos a fazer um bom uso destas tecnologias e a não simplesmente ignorá-las, permanecendo presos a velhas práticas e, finalmente, os alunos, devem se comprometer a fazer bom uso das tecnologias para seu aprendizado e crescimento, deixando de lado o uso exclusivo destas para fins de entretenimento, mas fazendo delas uma ferramenta de pesquisa e aprendizado. No campo das artes, sobretudo, isto deve ser ainda mais levado a sério, pois o próprio caráter da arte pode fazer com que as pessoas tenham a tendência de permanecer no antigo e se esquecer do novo. É necessário avaliar o passado, viver o presente, mas com os olhos no futuro.

7. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda de. *Filosofia da Educação*. Editora Moderna. São Paulo, 1990.

ARANTES, Pricila. **Arte e mídia no Brasil**: perspectivas da estética digital. *ARS* (São Paulo), 3(6), p. 54. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-53202005000200004>>. Acesso em: 08/04/2019.

Idem. p. 55-56.

Idem. p. 57.

Idem. p. 58.

Idem. p. 60.

BARBOSA, Ana Mae T. Bastos. **A História do Ensino da Arte no Brasil**. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXJeJmE4ns>. Acesso em: 29/01/2019.

BARBOSA, Ana Mae T. Bastos. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva; 1999, p. 4.

BARBOSA, Ana Mae T. Bastos. In **História do Ensino da Arte no Brasil**. Vídeo. Escola de Belas Artes da UFMG, 2011, [5:19 a 7:40]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KyjPjAM784o>>. Acesso em: 08/04/2019.

BERTOLETTI, Andrea. **Tecnologias Digitais no Ensino de Arte**: perspectivas educacionais na era da conversão digital. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, 2012, p.31.

CAMPELLO, Sheila Maria Conde Rocha. **Educação em Arte**: Uma Proposta De Formação Continuada Dos Professores De Artes Visuais Por Meio Da Utilização Das Tecnologias De Informação E Comunicação. Dissertação de Mestrado. UNB. Brasília, 2001.

CASTRO, Cesar Augusto. **SILVEIRA**, Arlindyane Santos da. **Civilidade, Educação e a Companhia de Jesus (Séc. XVI-XVIII)**. Artigo. In *Os Jesuítas no Brasil: entre a colônia e a república*. Brasília, 2016, p.22. Disponível em: <https://socialeducation.files.wordpress.com/2015/01/sousa-jesuítas_web.pdf>. Acesso em: 08/04/2019.

COUTINHO, Clara. **LISBÔA**, Eliana. **Sociedade Da Informação, Do Conhecimento e Da Aprendizagem**: Desafios Para Educação No Século XXI. *Revista de Educação*, V. 18, nº 1, 2011, p. 5-22. Disponível em: <

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o%2cVolXVIII%2cn%C2%BA1_5-22.pdf>. Acesso em 08/04/2019.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007, apud **ROSSI**, Flávia Demke. **ZAMPERETTI**, Maristani Polidori. O Ensino de Artes Visuais e as TIC: pesquisando os docentes e sua atuação em sala de aula. XIII Seminário de História da Arte. 2014, p.4.

MARTINS, Alice Fátima. **Novas Tecnologias E O Ensino De Artes Visuais**: algumas considerações. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis, 2007, p. 627-628. Disponível em: < <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/063.pdf>>. Acesso em: 11/04/2019.

Idem, p. 629.

Idem, p. 633.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília, 1998.

MORAN, Manoel José. **Ensino E Aprendizagem Inovadores Com Tecnologias Audiovisuais E Telemáticas**. In NOVAS TECNOLOGIAS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA. Papirus. São Paulo, 2000, p.29.

IDEN. p. 44.

PAULO. Rosa Monteiro. **A Formação de Professores para o Ensino na Era da Tecnologia da Informação e Comunicação**: Desafios e Perspectivas, p.2. Artigo. Disponível em: < http://www.lematec.net.br/CDS/ENEM10/artigos/MR/MR16_Paulo.pdf>. Acesso em: 08/04/2019.

PIMENTEL, Lúcia G., **CUNHA**, Evandro José Lemos da & **MOURA**, José Adolfo. **Conteúdos básicos comuns**: arte. Disponível em:< http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D_livro%20de%20artes.pdf>. Acesso em: 29/01/2019.

PIMENTEL, Lucia Gouveia. **Tecnologias Contemporâneas e o Ensino da Arte**. In: Barbosa, Ana Mae. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002. p 113-121 apud **SANGOI**, Tânia Losekann. **Artes Visuais e Tecnologias Digitais na Formação Continuada dos Profissionais do Ensino Médio**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. RS, 2006.

REDE SÃO PAULO DE FORMAÇÃO DOCENTE. Ensino da Arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. 2011, p.7. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf>. Acesso em: 29/01/2019.

ROSSI, Flávia Demke. ZAMPERETTI, Maristani Polidori. O Ensino de Artes Visuais e as TIC: pesquisando os docentes e sua atuação em sala de aula. XIII Seminário de História da Arte. 2014, p.4.

Idem. p.4.

Idem. p. 5.

Idem. p. 6.

SANGOI, Tânia Losekann. **Artes Visuais e Tecnologias Digitais na Formação Continuada dos Profissionais do Ensino Médio.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. RS, 2006, p. 38.

Idem. p. 39

SOUZA, Jusamara. **Arte no Ensino Fundamental.** Artigo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, p.3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7171-3-7-artes-jussamara&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 08/04/2019.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. BRANDÃO, Edemilson Jorge Ramos. **Internet e Democratização do Conhecimento:** repensando o processo de exclusão social. Artigo. Universidade de Passo Fundo, 2003. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/eventos/cicloartigosfev2003/adrianoC.pdf>.> Acesso em: 08/04/2019.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1998, apud **GERALDI, Luciana Maura Aquaroni e BIZELLI, José Luiz.** Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação: conceitos e definições. Artigo. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301229975_Tecnologias_da_informacao_e_comunicacao_na_educacao_conceitos_e_definicoes>. Acesso em: 12/02/2019.